

Projeto

Conexão Local - ANO I

APAEB

Associação de Desenvolvimento
Sustentável e Solidário da
Região Sisaleira

Valente - BA

José Emygdio de Carvalho Neto
Livia Gomes Fantini

Tutora: Ideli Domingues

2005

Projeto Conexão Local

Índice

Introdução	2
Breve Histórico	3
Atividades	5
Posto de Vendas	5
Batedeira	7
Indústria	8
Convivência com a seca	10
Reflorestamento	12
Energia Solar	13
Escola Familiar de Agricultura - EFA	13
Artesanato - Cooperafis	16
Departamento de Desenvolvimento Comunitário - DDC	18
Comunicação	20
Considerações Finais	23
Bibliografia	25
ANEXO I	26
ANEXO II	30



Introdução

O projeto Conexão Local traz para a EAESP-FGV uma iniciativa pioneira em todo o Brasil, que visa estimular o interesse e envolvimento de alunos de graduação em experiências inovadoras de gestão social e desenvolvimento econômico local, com enfoque nas áreas de políticas públicas, combate à pobreza e promoção de cidadania. Conhecendo técnicas em administração, em regiões e contextos os mais variados e complexos.

O projeto escolhido foi a APAEB, Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira, que promove o desenvolvimento social e econômico sustentável e solidário, visando a melhoria da qualidade de vida da população da região .

A visita feita à Associação despertava a atenção por inúmeros motivos. A possibilidade de entrar em contato com novos lugares, contribuindo enormemente para a vivência e conhecimento. O enriquecimento de nossa formação acadêmica pela própria transcendência dos limites da faculdade, um contato real com outros contextos e outras formas de se pensar.

Conhecer alternativas de um Brasil que dá certo, ou seja, o Brasil de verdade, aquele que funciona ou pode funcionar. País este, solo de pessoas que criam formas de combate à fome, miséria, desigualdade social e falta de democracia, pessoas essas, por um lado, criativas, inovadoras, empreendedoras, e, por outro, não reconhecidas por grande parte da Nação.

Numa outra visão, perceber o uso de conceitos como o empoderamento, articulação setorial e apropriação do espaço público acontecendo na prática, no cotidiano dessa região.

A experiência de troca envolveu o aprendizado dos alunos de graduação da FGV, o conhecimento sobre o desenvolvimento local, o trabalho e o poder de uma associação de pequenos agricultores - no Sertão do Estado da Bahia I.



Breve Histórico

A Associação dos Pequenos Agricultores do Estado da Bahia (APAEB)¹ foi fundada em 1980, com sedes em cinco municípios do interior do estado: Serrinha, Araci, Feira de Santana, Ichu e Valente. A concretização da APAEB foi resultado de um contexto de fortalecimento de movimentos políticos e sociais no Brasil como um todo, principalmente na Bahia (onde a população costuma ser mais castigada pelos problemas sociais que afetam o país). Destacam-se entre esses problemas, no âmbito local, a desvalorização da agricultura familiar como atividade econômica e a grande exploração sofrida pelos pequenos produtores (em razão da ação dos “atravessadores”, que compravam a produção de sisal por preços muito baixos), bem como as dificuldades impostas pelo governo na comercialização dos excedentes pelos agricultores.

A fundação da APAEB contou com o apoio de alguns órgãos como o Movimento de Organização Comunitária (MOC - criado em 1967 e sediado em Feira de Santana), as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs - que promoviam os chamados “círculos bíblicos”, ocasiões em que os participantes se punham a refletir acerca da dura realidade que viviam), pastorais católicas e outras associações comunitárias. Todos esses movimentos deram sua contribuição no sentido de unir os agricultores em torno das discussões sobre sua situação, despertando a consciência social e a valorização do pequeno produtor; visando incentivar a solidariedade entre eles e uma maior participação na política nos âmbitos local, regional e nacional e, por fim, estruturar um arranjo institucional complexo e capaz de funcionar, mesmo no contexto do regime militar, em vigor na época.

A implantação da APAEB foi possível pela atuação do MOC, que solicitou apoio financeiro junto a uma entidade alemã, a MISEREOR, para construir o depósito de armazenamento da produção agrícola em Feira de Santana e postos de venda nos cinco municípios de atuação da associação (1982). A APAEB funcionaria, inicialmente, de forma híbrida, com o caráter informal e exercendo o papel político e social de uma associação, porém com licença do Ministério da Fazenda para desempenhar atividade comercial, relativa às funções gerenciais e produtivas que caracterizam uma cooperativa.

¹ Este primeiro nome da Associação, que originou a sigla APAEB, foi mudado para Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira. No entanto, a sigla foi mantida por ter se tornado uma ‘marca’.

Projeto Conexão Local

Nessa primeira fase, as APAEBs ainda não se mantinham sem o apoio do MOC. Além disso, as sedes dos diferentes municípios eram vinculadas entre si, como 'filiais' de uma instituição única. Houve também alguns conflitos no processo de consolidação da associação, como os embates entre o caráter social e empresarial de suas atividades, as dúvidas sobre como conciliar a luta social e ao mesmo tempo viabilizar a atividade econômica. A partir desse questionamento surgiram outros, como até que ponto a administração das APAEBs deveria se profissionalizar ou manter a participação direta dos agricultores no gerenciamento de suas atividades.

Com o tempo, foram se revelando problemas nas administrações de cada unidade da APAEB, principalmente relativos ao financiamento (escassez e má administração dos recursos) e à má qualidade da administração (gestão baseada em improvisos e pouco profissional). Tais problemas funcionaram como um fator de seleção natural das unidades da APAEB, fazendo com que todas apresentassem maus resultados no início e apenas as melhores geridas pudessem se recuperar completamente. Foi em grande parte devido a isso que a sede de Valente se destacou, pois, desde o início (apesar do mau desempenho financeiro inicial e do reduzido número de associados, semelhantes aos dos outros municípios), praticou uma gestão mais comprometida e soube utilizar de maneira eficiente os poucos recursos de que dispunha, não gastando com a compra do terreno da sede (que foi obtido a partir de doação) nem com a construção do prédio, utilizando-se de mutirão para isso. Ações com essa levaram a APAEB-Valente a ser a primeira sede a se sustentar sem o apoio do MOC.

Com o passar do tempo, foi preciso cada vez mais lidar com problemas e questões ligados ao crescimento da associação, à sua atuação perante as comunidades em que se localizava e perante os associados, bem como sua relação com outros órgãos e instituições (por exemplo, os sindicatos). Dessa forma, os problemas enfrentados por cada unidade da APAEB, em cada município, começaram a se diferenciar bastante, de acordo com a realidade de cada local. Isso aumentou a necessidade de maior autonomia das sedes da APAEB, para que cada uma pudesse se dedicar especificamente aos problemas que enfrentava em seu dia-a-dia. Assim, foram efetivadas em 1986 as diretorias municipais da APAEB, nos mesmos cinco municípios em que havia antes as sedes.

A descentralização foi uma forma não só de facilitar a atuação das diversas sedes, como também de melhorar as expectativas dos associados com relação à entidade, que dependeria não mais de uma administração regional,



mas sim de esforços locais. Dessa forma, tornava-se possível não só uma melhor atuação da APAEB, como também o fortalecimento das lideranças locais e dos laços entre os associados, o que sustentou a continuidade e o crescimento da associação.

Cada localidade deu início ao processo de desenvolvimento de atividades relacionadas ao seu contexto específico. As primeiras iniciativas independentes foram: o Moinho de Milho Comunitário, em Serrinha, e a Central de Beneficiamento e Comercialização da fibra do sisal (Batedeira), em Valente. A descentralização teve como reflexo também a visibilidade nacional concedida a questões locais, como a luta contra o trabalho infantil e os esforços de recuperação da cadeia do sisal, por intermédio de iniciativas concentradas nos municípios.

Nesse contexto, destaca-se a APAEB-Valente, não só pela retomada bem sucedida das atividades da cadeia do sisal (tradição da região, que se encontrava em declínio durante a década de 1980), como também pela grande capacidade que demonstrou de coordenar tantas atividades e tão diversas entre si.

Atividades

Posto de Vendas

Tendo iniciado suas atividades em 14 de novembro de 1981, o Posto de Vendas foi o primeiro empreendimento da APAEB em Valente. Tratava-se de um pequeno ponto de comércio chamado informalmente de “bodega”, que atendia a duas necessidades importantes dos pequenos produtores: uma possibilidade de adquirir os produtos que compõem a cesta básica por um preço mais baixo (com 10% de desconto) e, principalmente, um local de armazenamento dos excedentes da produção familiar, que servisse como uma alternativa para que os agricultores pudessem vender sua produção sem precisarem submeter-se às negociações desiguais com os intermediários. Os principais produtos armazenados ali eram feijão, farinha de milho e de mandioca. No caso específico da APAEB-Valente, o Posto de Vendas, apesar de não apresentar bons resultados logo de início, foi o que melhor sobreviveu após certo período, graças às diferenças entre sua administração e a dos postos dos outros municípios. Isso principalmente porque, desde o início, houve em Valente uma preocupação com uma administração mais formal e melhor planejada.



Projeto Conexão Local

Atualmente o Posto de Vendas funciona como um grande supermercado (o maior da cidade), instalado numa área de 5.000 m², que abriga a loja e o depósito, na parte superior da construção. Trata-se do terceiro ponto de localização do Posto, inaugurado em 1998, o que comprova sua trajetória de crescimento na cidade. Possui 29 funcionários, mais de 10.000 itens à venda e um faturamento anual em torno de quatro milhões de reais, que vem aumentando consideravelmente nos últimos três anos. Suas principais atividades são: compra de produtos dos agricultores (carnes, verduras, peles, farinha etc.), comercialização dos produtos da cesta básica a preços baixos, estocagem de produtos e comercialização de kits de irrigação e energia solar (explicados adiante). Ou seja, trata-se de mais um “ponto de apoio” para o agricultor.

O grande crescimento do Posto de Vendas se explica principalmente pelos baixos preços que ele cobra pelos produtos da cesta básica, sobre os quais possui uma margem de lucro bastante baixa, sendo esse um de seus principais objetivos. Seu público-alvo é definido como os associados da APAEB, atendidos pelas vendas com desconto ou bônus; bem como os próprios funcionários, que têm direito a compras com débito em conta e nota promissória. Entretanto, o público efetivamente beneficiado acaba sendo a população como um todo, já que todos podem desfrutar das atividades do Posto. Além disso, sua presença como alternativa barata para os clientes influencia o comércio local, causando, inicialmente, queda nos preços e até mesmo o fechamento de alguns estabelecimentos e, atualmente, regulando os preços.

É importante destacar que o Posto de Vendas é auto-sustentável, sendo sua administração financeira feita diretamente pela sede da APAEB, e seus lucros aplicados no próprio estabelecimento. Atualmente ele utiliza alguns recursos e métodos modernos para auxiliar suas operações e administração, como um software integrado de contabilidade e sistema PEPS de controle de estoques. Alguns dos resultados alcançados durante todo o tempo de funcionamento do Posto de Vendas foram: o aumento do faturamento, a diminuição da inadimplência, a ampliação e modernização do espaço. São destacados como dificuldades o fornecimento, em razão principalmente da ausência dos pré-requisitos necessários para obter crédito junto aos fornecedores; e a falta de autonomia da gestão (financeira e operacional em geral), já que todas as decisões passam pela diretoria da APAEB, a que se deve também certa dificuldade em inovar o negócio.



Projeto Conexão Local

As perspectivas futuras para o Posto de Vendas giram em torno da continuidade dos investimentos e inovações, como a implantação de um novo *lay out* na loja e a venda da cesta básica a preço de custo. Os impactos de sua atuação podem ser entendidos como uma melhora da qualidade do comércio local, com preços mais acessíveis e maior número de opções; criação de oportunidades para a comercialização dos produtos dos agricultores; regulação do comércio local; consolidação da imagem institucional da APAEB perante à população - bem como de sua 'marca' - graças a grande visibilidade do Posto de Vendas (inclusive por sua localização privilegiada, em um ponto de destaque da chamada "Praça do Comércio"); e da conseqüente manutenção de um relacionamento estreito não só com os associados, mas com toda a população.

Batedeira

Instalada logo após o Posto de Vendas e inaugurada em 1984, a bateadeira foi o primeiro resultado prático das intenções de intervir diretamente na cadeia sisaleira, bem como de dar maior atenção ao pequeno produtor do sisal e às diversas etapas de sua produção. Seus objetivos principais eram aumentar o poder de barganha do produtor junto aos compradores, bem como eliminar a influência dos atravessadores no processo de venda do sisal. No médio prazo, a intenção era de valorizar a fibra e aumentar a intervenção na cadeia produtiva, objetivo importante dado o processo de grande desvalorização em que esta se encontrava até os anos 80, provocado, entre outros, pelo surgimento do nylon no final dos anos 60.

Assim, um objetivo da bateadeira é também o desenvolvimento social. Suas atividades são: a classificação do sisal em três categorias (tipo Extra, tipo A e tipo B, em ordem decrescente), de acordo com a qualidade oferecida pelo produtor; e o beneficiamento da fibra nas máquinas, seguido da venda para outros setores (de acordo com a qualidade de cada lote), sendo o sisal tipo Extra vendido para a fábrica de tapetes. É importante destacar que, além de abrir as portas para os investimentos no nível seguinte da cadeia produtiva (a fábrica de tapetes e carpetes), a bateadeira também incentivou uma maior atenção por parte dos produtores com relação à qualidade da fibra produzida, a medida que trabalha de forma transparente na compra e classificação do produto. Isso se relaciona também com as ações da APAEB de capacitação, assistência técnica e convivência com o semi-árido, explicadas nas sessões seguintes.



Projeto Conexão Local

Os maiores beneficiados pelas atividades da bateadeira comunitária são os pequenos produtores. Esses eram explorados pelos compradores das bateadeiras particulares, que costumavam pagar preços muito baixos e roubar na pesagem da fibra (o sisal é vendido por peso). Atualmente, após 20 anos de funcionamento da bateadeira comunitária, o sisal valorizou-se em torno de 300%. O público-alvo são os pequenos produtores da região, que podem vender a fibra para a bateadeira da APAEB, sendo associados ou não. Dessa forma, não só eles são beneficiados, mas sim a população toda, já que após a instalação dessa atividade o preço do sisal se elevou a ponto de causar o fechamento de outras bateadeiras particulares, além da grande geração de empregos nas atividades da bateadeira (são mais de 100 funcionários, atualmente). Houve, dessa forma, o aumento do poder dos produtores perante os compradores do sisal, já que a bateadeira funciona como reguladora de preços.

Vale destacar, como benefício da bateadeira comunitária, o fato de muitos agricultores se darem conta da exploração dos atravessadores, por causa dos preços pagos pela APAEB, o que se traduz não só em aumento do poder aquisitivo (que, por sua vez, se reflete nas atividades de todos os setores da economia local e na qualidade de vida da população), como também em resgate da cidadania e da auto-estima dos produtores. Além disso, os méritos dessa atividade estão também no fato de haver muito diálogo entre os que participam dela e os produtores (sendo muitos dos funcionários da bateadeira também plantadores de sisal), além dos esforços para combater a exploração, bem como na investigação do problema inicial da exploração por alguns que foram capazes de percebê-lo.

Indústria

Dentro do objetivo de atuar em toda a cadeia do sisal como forma de agregar mais valor ao produto final e, assim, conseguir maiores preços, foi inaugurada em 1996, a fábrica de tapetes e carpetes de sisal. Financiada principalmente com recursos do Banco do Nordeste, a fábrica atualmente gera mais de 600 empregos diretos e produz em torno de um milhão de m² por ano, sendo exportada 70% desta produção.

Além dos objetivos gerais da APAEB, de geração de emprego e renda e elevação da qualidade de vida da região, os objetivos da indústria a curto e médio prazos são, por exemplo, o aumento da produtividade, da renda dos trabalhadores, do bem-estar (por meio da diminuição do analfabetismo), da satisfação dos clientes, da capacitação dos funcionários, a diminuição



Projeto Conexão Local

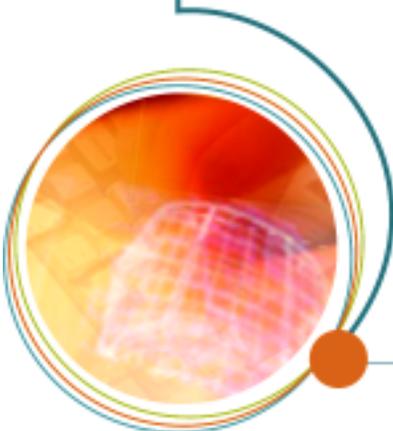
do desperdício etc. A fábrica tem como público-alvo as famílias de Valente e dos municípios da região, atingindo todos os setores da economia graças ao aumento de emprego e renda, que se reflete, por exemplo, no aquecimento do comércio e da economia local

A atividade da fábrica é todo o processo de produção dos tapetes, do tingimento da fibra até os acabamentos e distribuição dos produtos finais. Sua trajetória começou com iniciativas dos próprios agricultores associados da APAEB, que conseguiram fazer os investimentos iniciais e promover a expansão do empreendimento ao longo do tempo, valorizando tanto a estrutura quanto as pessoas (capacitação e profissionalização da gestão). Esses investimentos foram financiados não só pelo Banco do Nordeste como também por ONGs e por recursos próprios da associação. Atualmente, a fábrica é auto-sustentável, tendo seus lucros reinvestidos na modernização de suas atividades, aumento da capacidade, treinamentos, etc.

As principais dificuldades enfrentadas pela fábrica são a desvalorização do dólar (já que 70% da produção é vendida no mercado externo), a manutenção dos empregos durante os tempos de crise e a captação de recursos no mercado. Apesar disso, as perspectivas para o futuro são boas, com a valorização crescente da fibra natural no mercado (relacionada à mudança de mentalidade que ocorre atualmente, de preferência pelos produtos naturais em detrimento dos artificiais). Espera-se também conquistar novos mercados, internacionais e principalmente nacionais, além da perspectiva de agregar maior valor à produção com a aquisição recente de uma nova máquina de emborrachar os tapetes, etapa que até então era realizada em fábricas da Europa, o que contribuía para um grande aumento dos custos.

Pode-se dizer que o impacto da fábrica na população é principalmente a geração maciça de emprego e renda (assim como as outras atividades da APAEB). Além disso, seu funcionamento trouxe uma grande visibilidade para a região, tanto nacional quanto internacional, em razão da comercialização dos tapetes. Houve também, com isso, uma forte valorização da imagem da APAEB.





É importante destacar a importância da geração dos empregos pela fábrica, que para muitos funcionários é o primeiro com carteira assinada. O nível de escolaridade é baixo, sendo a maioria dos funcionários semi-analfabetos, ou tendo completado apenas o primeiro grau (a maioria homens). Chama a atenção também o profissionalismo na gestão da fábrica (que conta com profissionais do ramo e se utiliza métodos e recursos modernos de administração e produção), sem deixar de lado, no entanto, o caráter social de todas as atividades que fazem parte da APAEB, por exemplo, priorizando a manutenção dos empregos e o nível de renda dos funcionários, reaplicando os lucros na fábrica, etc. Trata-se, portanto, de um bom exemplo prático da economia solidária, conceito arraigado nos valores e iniciativas da APAEB.

Convivência com a seca

Faz parte dos valores da APAEB a idéia de que não é necessário deixar a região do Semi-Árido para que se possa sobreviver, mas sim que ali é possível obter o necessário à vida com qualidade. “O sertão tem tudo que se precisa. Se faltar, a gente inventa”². Dessa forma, há uma preocupação da associação com relação não só à criação de condições favoráveis à vida no município, como também à conscientização e educação da população quanto à necessidade de se tomarem medidas para que essa sobrevivência no sertão seja viável, por meio das chamadas medidas de *convivência com a seca*.

Seguindo esta mentalidade, a APAEB promove cursos e capacitações na área de agricultura e de criação de animais (cabras, galinhas, vacas, etc) para os agricultores, em parceria, muitas vezes, com instituições como a Embrapa e outras. Dessa forma, tem-se conseguido melhorar a qualidade tanto da fibra do sisal (progresso percebido no momento da compra da fibra pela batadeira, em que o produto passou a ser melhor classificado, gerando mais renda aos produtores), quanto dos sub-produtos da criação de animais (leite e carne).

Além disso, as chances de sobrevivência dos rebanhos aumentam em muito durante as épocas mais críticas da seca, graças às técnicas ensinadas aos criadores. Um importante exemplo é o da *silagem*, técnica segundo a qual os resíduos do desfibramento da folha do sisal pelo motor (mucilagem) são armazenados em silos e passam pelo processo natural de fermentação,

² www.apaeb.com.br

Projeto Conexão Local

podendo servir de alimento para cabras e galinhas durante a seca, época em que os pastos se extinguem. Trata-se de um recurso importantíssimo, pois além de ser altamente nutritivo é também muito resistente, podendo ser armazenado durante muitos anos sem prejuízo. Essa técnica é importante também porque dá uma utilidade ao resíduo do sisal, a mucilagem, que corresponde a 95% da folha.

Outra iniciativa de convivência com a seca é o recrutamento de *agentes comunitários*. Estes são considerados “produtores-modelo” dentre os associados da APAEB, por aplicarem com eficiência grande número das técnicas ensinadas pela associação, sendo por isso capacitados para acompanhar de perto outros produtores, instruindo e ajudando-lhes a implantar as mesmas técnicas em suas propriedades. Trata-se de uma iniciativa inteligente, pois valoriza o trabalho dos agricultores mais empenhados (estes são considerados exemplares e recebem uma remuneração diária, de acordo com os dias em que trabalham como agentes, como forma de lhes recompensar um dia perdido de trabalho na plantação). Além disso, o fato de serem os próprios agricultores a instruírem-se uns aos outros implica em uma forma de comunicação eficiente, em que os produtores são incentivados por seus ‘colegas’, pessoas que vivem a sua realidade e experimentaram na prática os benefícios das técnicas transmitidas.

Além das diversas formas de capacitação e assistência técnica, a APAEB oferece ainda atendimento veterinário e laboratorial gratuito, pois possui um veterinário em seu quadro de funcionários. Estão também incluídos na assistência técnica, além das capacitações, programas de melhoramento genético dos rebanhos.

Ainda dentro dos objetivos de convivência com a seca, um dos mais importantes programas da APAEB é a construção de cisternas para armazenamento de água da chuva, perfuração de poços artesianos e financiamento de sistemas de irrigação. Estes são financiados pela associação e distribuídos pelo Posto de Vendas, utilizados em hortas e plantações de tamanhos variados. As cisternas também vêm representando um grande aumento na qualidade de vida da população, já que antes da iniciativa a população dependia dos caminhões-pipa, financiados pela prefeitura e, por isso, usados muitas vezes como ‘moeda de troca’ em épocas de eleição. Além disso, a cidade não conta com nenhuma fonte natural de água potável, pois, apesar de possuir um açude de tamanho suficiente para abastecê-la, este é poluído com resíduos do esgoto despejado ali, sem que



haja qualquer iniciativa do poder público para reverter essa situação. Atualmente a porcentagem de famílias que possuem cisternas é bastante alta, sendo uma das metas da APAEB para um futuro próximo a existência de uma cisterna em cada casa. São também construídas cisternas em locais como a Escola Familiar Agrícola (EFA) e o Centro de Aprendizado e Intercâmbio de Saberes (CAIS)³, todas com o apoio da APAEB.

Um efeito importante das iniciativas de convivência com a seca, além da melhora sensível na qualidade de vida, é a mudança gradual de mentalidade que elas trazem. Vendo seus resultados positivos, a população passa a acreditar que realmente não é necessário abandonar o Sertão para que se tenha uma qualidade de vida mínima, o que, além de contribuir para a diminuição do êxodo rural, faz com que a população também se empenhe em buscar novas formas de conviver com a seca, acreditando nas perspectivas futuras para a região. Ou seja, há também um ganho com relação à cidadania, além da educação e da qualidade de vida.

Reflorestamento

Outra iniciativa bastante eficaz e importante da APAEB é o programa de reflorestamento das propriedades, segundo o qual a associação fornece informações e mudas gratuitamente aos pequenos proprietários (não necessariamente associados), para que estes possam replantar a vegetação natural e realizar a manutenção do solo em suas terras. Trata-se de um trabalho bastante importante, dada as más condições naturais do solo. As mudas são produzidas em um viveiro de propriedade da APAEB e distribuídas a quem quer que esteja interessado.

Os relatos sobre o programa são muito positivos, pois além de possibilitar o cultivo da roça com maior eficiência e uma maior diversificação das espécies cultivadas, o reflorestamento é muitas vezes a única forma de continuar utilizando o solo para a agricultura, dada a grande exploração da mandioca que predominou durante muito tempo na região, uma cultura que rapidamente deteriora o solo e seus recursos. Graças ao reflorestamento é possível praticar a reposição de nutrientes, fator muito importante em determinadas propriedades onde antes não era possível plantar nada, e que atualmente são exemplos de cultivos diversificados e com qualidade, sendo este utilizado para a subsistência do produtor e como uma fonte de renda.

³Veja Anexo I

Outra vantagem bastante evidente do programa de reflorestamento é a possibilidade de preservação de plantas nativas da região, que tiveram sua presença diminuída em razão do desmatamento e que contribuem em muito não só para os ecossistemas da região, mas como equilíbrio e fonte de recursos na época da seca.

Energia Solar

Outro programa da APAEB bem sucedido e muito importante é o financiamento de kits de energia solar para famílias do município, principalmente na área rural, que beneficia atualmente mais de 300 famílias. Os kits são financiados pela APAEB e distribuídos no Posto de Vendas, estando disponíveis para necessidades de capacidade diferentes. A energia solar é muito importante já que na área rural do município, assim como em qualquer área mais afastada na região, não há recursos como energia elétrica, linha telefônica ou água encanada (problema sanado pela construção das cisternas). Assim, além de ser uma opção barata de captação de energia para os moradores do campo, pois não é vinculada a nenhum tipo de cobrança mensal exceto o pagamento dos kits, a energia solar é, na maioria das vezes, a única possibilidade de utilização de eletrodomésticos e aparelhos eletrônicos pelas famílias beneficiadas pelo programa.

Escola Familiar de Agricultura - EFA

A Escola Família Agrícola (EFA), de Ensino Fundamental que abrange de 5ª a 8ª série, embora oficialmente registrada como uma escola municipal (para que fosse possível obter determinados tipos de apoio do governo estadual), é mantida pela APAEB e dirigida a jovens da região, especialmente filhos de agricultores. É localizada na Fazenda Madeira, propriedade da APAEB na zona rural de Valente, a 12 km da cidade. O projeto faz parte de um conjunto de escolas, nacionais e internacionais, que compartilham a mesma filosofia, a de aliar o ensino teórico (geralmente predominante nessa fase da formação dos jovens) à prática. A escola possui um currículo mais completo do que as escolas regulares de Ensino Fundamental (que inclui matérias práticas e técnicas), e segue o “princípio da alternância”, que intercala períodos de internação dos alunos na escola com períodos em casa, onde eles têm a chance de pôr em prática alguns dos conceitos aprendidos, com determinado tipo de acompanhamento da escola.



Projeto Conexão Local

A idéia da EFA surgiu no início da década de 1990, quando o sistema de ensino existente nas comunidades locais não era suficiente para atender aos jovens de uma maneira eficiente, fato evidenciado principalmente pelos altos custos do ensino formal e pelo conseqüente alto grau de evasão escolar. Fazia-se perceber a necessidade de uma educação que se adequasse melhor à realidade local, ensinando os jovens a lidar com seu cotidiano e a realizar o trabalho da família. Ou seja, era necessário um modelo de educação capaz de aliar o ensino formal (indispensável em qualquer contexto, atualmente) ao ensino de práticas, técnicas e valores compatíveis com a realidade dos jovens.

Alguns integrantes da APAEB passaram a ter contato com outras escolas família da região (em Brejões e Quixabeira, por exemplo), do que nasceram as primeiras discussões acerca da EFA. Em 1993 foi obtido apoio junto a um instituto alemão, graças ao qual pode ser finalizada em 1995 a construção das primeiras instalações que comporiam a escola, inaugurada em 1996.

Em função do seu modelo de ensino, a EFA possui uma renda gerada pelas atividades econômicas que mantém com o objetivo de ensinar a prática aos alunos. Esta, porém, supre apenas uma pequena parte de suas necessidades, fazendo com que a escola dependa de recursos provenientes das outras atividades da APAEB que geram lucros (como a fábrica de tapetes, laticínio, etc), bem como provenientes do município (uma pequena parcela) e de entidades nacionais e internacionais.

A importância da EFA para a APAEB como projeto é enorme, já que, em razão do seu objetivo de transmitir valores e capacitar o aluno para a realidade do trabalho local, ela aumenta as chances de sustentabilidade do projeto da própria APAEB. Por meio da promoção do interesse pela economia local, a Escola ajuda na formação de jovens empreendedores e capazes de contribuir efetivamente para o desenvolvimento econômico local em um futuro não muito distante, o que refletirá em um aumento da qualidade de vida da região e diminuição do êxodo rural (ambos fazendo parte dos objetivos da APAEB). Além disso, mantendo alunos na escola sem afastá-los dos trabalhos da família, a EFA contribui com a diminuição do trabalho infantil, uma outra área de atuação com a qual a APAEB mantém vínculos.

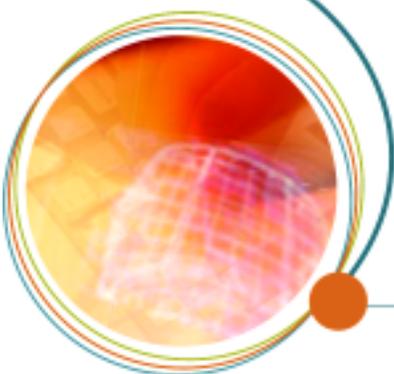


Projeto Conexão Local

Outro impacto social da EFA é a valorização do saber dos pais e da cultura local em meio aos alunos, a partir do ensino das práticas do trabalho familiar agrícola. Isso faz com que os próprios pais se reconheçam como saber e sejam mais valorizados por seus filhos. Além disso, é também uma forma de promover a sustentabilidade da agricultura familiar.

São definidos como público-alvo da Escola Família Agrícola os jovens filhos de agricultores associados da APAEB do município de Valente e região, bem como filhos de não associados, se sobrarem vagas. Atualmente a escola possui em torno de 85 alunos, entre 10 e 16 anos de idade, sendo a maioria deles do sexo masculino (mais ou menos 60%). A quantidade de alunos de outros municípios supera o número de alunos da cidade de Valente, sendo o maior grupo proveniente do município de Santa Luz. Além das aulas, praticam-se ali intercâmbios (alunos são enviados para pequenos estágios relacionados às matérias da escola antes de concluírem o curso, bem como são recebidos de outras escolas para realizarem seus estágios na EFA), viagens de estudo, etc. Algumas das metodologias utilizadas pela escola são: na dimensão educacional, a metodologia de Paulo Freire (associar os métodos educacionais à realidade local) e a metodologia da alternância (períodos na escola intercalados com períodos em casa). Com relação à organização, há a participação ativa dos alunos na dinâmica da escola, organizando elas mesmas algumas atividades e participando, até certo ponto, da tomada de decisões. Os pais também participam, por meio de espaços abertos para discussão, *feedbacks* com relação às atividades da escola e visitas dos monitores às casas- ao menos duas vezes por ano. Além disso, há um dia em que as famílias são chamadas a participar das atividades da escola colaborando com determinadas tarefas necessárias ao seu funcionamento, como forma inclusive de realizar uma 'doação de recursos' à instituição.

Algumas das dificuldades enfrentadas pela EFA, atualmente, são: as limitações do espaço físico (número limitado de alojamentos, de espaço para os animais, etc); as dificuldades de obtenção de recursos financeiros; o transporte das crianças (muitas não podem freqüentar a escola por não terem como chegar até o local, já que a EFA não pode disponibilizar transporte escolar em todos os municípios de onde vêm os alunos); o baixo nível de acompanhamento das famílias (muitas não se empenham em acompanhar as tarefas dos filhos durante o período em que ficam em casa, ou mesmo não tomam parte nas atividades da escola quando necessário); carência de funcionários (não há pessoas suficientes para que se possa, por exemplo, manter as atividades da escola e, ao mesmo tempo, realizar



o número de visitas necessárias às famílias, enquanto os alunos estão em casa); a remuneração insuficiente aos funcionários; a baixa credibilidade dos alunos perante suas respectivas comunidades, que os impede de realmente atuarem como agente de mudanças (o que acontece pelo fato de terem pouca idade e por não haver pessoas da escola que possam lhes acompanhar na mobilização das pessoas da comunidade, que seria também um objetivo da escola); uma cultura familiar extremamente rígida, resistente às mudanças e aprendizados da escola, que os jovens possam querer aplicar nas comunidades e no trabalho familiar; entre outras.

As perspectivas para o futuro da Escola Família são o aumento da capacidade, para que ela possa receber mais alunos e talvez até mesmo implantar um curso de segundo grau. Além disso, há a perspectiva de obtenção de recursos diretamente do governo federal.

Artesanato - Cooperafis

Como forma de proporcionar um incremento na renda das famílias das comunidades locais, bem como de ocupar a mão-de-obra disponível e não utilizada das mulheres da região, realiza-se o trabalho de artesanato com matérias-primas da região, principalmente o sisal.

A principal cooperativa de artesanato do município, a Cooperafis - Cooperativa das Artesãs Fibras do Sertão - surgiu oficialmente em 1999, porém é reflexo de esforços mais antigos para alocar o trabalho das mulheres da região. Estas tiveram sua primeira experiência de trabalho conjunto com as *frentes de serviço*, organizações voluntárias em que trabalhavam, com o aval da prefeitura, realizando geralmente atividades braçais na comunidade, a partir de uma iniciativa própria de articulação. Realizou-se então, com o objetivo de capacitar essa mão-de-obra feminina, o movimento Fibras do Sertão, promovido pela APAEB em conjunto com outras organizações comunitárias, no qual essas mulheres, que antes se ocupavam com trabalhos menos valorizados, puderam aprender técnicas de tricô em sisal, cestaria e outras formas de artesanato. A partir daí, as técnicas foram se difundindo entre elas, na medida em que ensinavam umas às outras. Criou-se o hábito de confecção do artesanato, o que levou, em três anos, à formação de uma cooperativa de mulheres artesãs, a Cooperafis, fundada oficialmente em 2002.

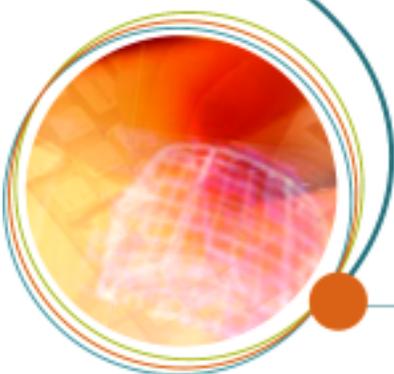


Projeto Conexão Local

No início, a cooperativa contava com apenas 54 mulheres, sendo vinculada à APAEB. Atualmente participam mais de 120 artesãs, organizadas em nove núcleos de produção localizados em diversas partes do município e especializados em modalidades diferentes de artesanato. Além disso, a Cooperafis funciona hoje de maneira autônoma, contando com o apoio da APAEB para ceder-lhe o espaço físico e colaborar com a logística e a comercialização dos produtos, principalmente no mercado internacional. A cooperativa possui uma administração própria (assumida pelas próprias artesãs). Ela conta, ainda, com parcerias como a Embrapa, outras cooperativas de artesanato do país (associações em Salinas-MG, além de mais sete cooperativas de artesanato com sisal – Complexo Cooperativo de Artesanato), patrocínio da Petrobrás, entre outros. São confeccionados produtos que têm como matéria-prima o sisal (bolsas, tapetes, chapéus, toalhas etc), vendidos nos mercados do sul e sudeste.

Os principais desafios enfrentados pela Cooperafis, atualmente, relacionam-se à gestão da cooperativa, principalmente da parte financeira. Isso porque as artesãs, encarregadas de todos os processos administrativos, possuem, em sua maioria, baixo grau de escolaridade, o que dificulta a autogestão (que requer conhecimentos de contabilidade, utilização de recursos básicos de informática, etc). Outra dificuldade tem sido a cultura regional muito machista, segundo a qual os homens resistem em aceitar que as mulheres saiam de casa para participar dos núcleos de produção e dos eventos relacionados ao trabalho da cooperativa (feiras, exposições, etc), para os quais muitas vezes elas precisam se ausentar do lar por alguns dias ou semanas.

O engajamento das mulheres na produção do artesanato tem se mostrado de grande relevância para as famílias nele envolvidas, já que seus maiores impactos são o aumento da renda e independência financeira das mulheres (muitas relatam que, após os trabalhos de artesanato, são elas, muitas vezes, que fornecem dinheiro para os outros membros da família). Além disso, não se pode negar os ganhos com relação à auto-estima das artesãs; ao aproveitamento de uma força de trabalho (a feminina) antes utilizada apenas nos trabalhos domésticos; à lenta mudança na mentalidade dos homens, que aos poucos começam a aceitar o trabalho das mulheres, chegando a se engajar nele até certo ponto; à divulgação da região em outros mercados, além dos tapetes de sisal; entre outros.



Departamento de Desenvolvimento Comunitário - DDC

Pertencente à APAEB, o DDC funciona como um braço que atua em comunidades específicas, de maneira bem direta. São beneficiadas mais de 100 famílias, por projetos diferenciados, em três municípios diferentes: Valente (projeto Cabochard), São Domingos (comunidade de Boa Fé) e Santa Luz (comunidade de Vargem Funda).

Os projetos do DDC tiveram origem nos chamados trabalhos de base, realizados em diversas comunidades da região de maneira praticamente independente e sem uma organização estruturada, até 2001. Neste ano, a APAEB optou por selecionar algumas dessas localidades para acompanhar de maneira mais próxima os projetos nelas realizados, bem como desenvolver mais profundamente algumas práticas especificamente voltadas para o desenvolvimento sustentável.

Dentre as três localidades atendidas, tomamos contato com o projeto de Boa Fé. Trata-se de uma comunidade essencialmente rural, nas proximidades do município de São Domingos, com poucas casas, a maioria distando dois ou três km entre si. Não há luz elétrica, água encanada ou instalações telefônicas, e todas as famílias têm como atividade principal o cultivo da terra, a sua própria 'roça'. As atividades econômicas empreendidas na comunidade pelo projeto são o núcleo de produção de mulheres artesãs (que compõe um dos núcleos de produção da Cooperafis) e o aproveitamento de frutas da região por intermédio do processamento para fabricação de compotas e licores. Estes são vendidos no *showroom* mantido pela APAEB, que é a loja de produtos típicos "Riquezas do Sertão".

Para acompanhar o andamento de cada projeto, a APAEB designa um profissional denominado "educador". Este é responsável não só por monitorar o andamento das atividades, como também por atuar de maneira presente na comunidade, de uma forma inclusive assistencial. Em Boa Fé, especificamente, há projetos também de caráter social, como a "comissão de trabalhos voluntários" e a "comissão de crianças", surgida da vontade das próprias crianças de se engajarem, ao verem os adultos participando ativamente das atividades da comunidade.



Projeto Conexão Local

Em um local fortemente marcado pela religião, os líderes comunitários são muitas vezes os próprios 'líderes religiosos', ou os representantes da Igreja, como é o caso da coordenadora do núcleo de produção de artesanato de Boa Fé, que também é a "ministra da palavra". É ela quem organiza grande parte das atividades e é a responsável, inclusive, por ser um elo de comunicação entre a população e a educadora.

Um dos impactos sociais mais importantes trazidos pelo projeto de desenvolvimento local é a alteração da percepção que a comunidade tem de si mesma, a qual passou a ser mais positiva. Seus habitantes, no início, não se engajavam em ações comunitárias bem como não percebiam o potencial de mudança contido em seu trabalho organizado. Antes da implantação desses projetos, não havia opções de trabalho na região e as mulheres trabalhavam junto com os homens nos motores de desfibramento de sisal, um trabalho desvalorizado e decadente na comunidade.

Com o desenvolvimento dos projetos houve também uma mudança de mentalidade, segundo a qual as pessoas passaram a acreditar no seu potencial de mudança e a se enxergar como agentes, e não simplesmente personagens passivos do contexto histórico. Foi preciso educação, inclusive, para que as pessoas tivessem paciência de esperar os resultados concretos de suas ações se revelarem; para que não desistissem antes disso. Atualmente elas afirmam saberem da importância da cooperação para que se atinjam resultados, além de reconhecerem uma mudança na qualidade de vida graças às novas perspectivas trazidas, principalmente, pelas atividades econômicas desenvolvidas na comunidade com a ajuda do projeto. Hoje as mulheres já não precisam depender tanto dos maridos com relação ao orçamento familiar, o que as faz sentir mais cidadãs e independentes, além de incentivar nos maridos (e na família como um todo) a consciência com respeito à importância do trabalho das mulheres.

Outro aspecto importante do projeto é a valorização dos recursos locais, no caso das frutas processadas para comercialização, o que é também uma forma de educar. Segundo os depoimentos das artesãs, acabam-se descobrindo recursos que sempre estiveram ali sem nunca terem sido devidamente aproveitados, apesar do seu potencial de contribuição para a comunidade - como é o caso das habilidades domésticas das habitantes, capazes de produzir produtos caseiros para comercialização. Tais valores vão muito ao encontro dos da APAEB, segundo os quais os recursos de que se precisam já estão disponíveis, não sendo necessário mudar o ambiente para que a sobrevivência seja viável.



Comunicação

Pode-se dizer que a APAEB realiza também esforços de comunicação com o grande público, possuindo investimentos em diversos meios. Entre os meios impressos estão a Folha do Sisal e a Folha da APAEB. A primeira é de edição mensal, possui circulação nacional e internacional e se desenvolveu a partir do informativo interno da Batedeira. É impressa em oito páginas coloridas e seu objetivo é a divulgação das ações da associação, com uma forma de assessoria de imprensa. Já a Folha da APAEB é uma publicação semanal, direcionada inicialmente aos associados e, mais tarde, à comunidade como um todo, como o objetivo de divulgar o dia-a-dia da associação e disseminar seus objetivos e valores. Além dos jornais impressos, a APAEB possui canais como uma rádio comunitária (a Valente-FM), e dois horários diários de meia hora cada um na concessionária regional da TV Cultura, em Conceição do Coité, nos quais é exibido um telejornal para a comunidade.

Em relação à televisão, a iniciativa começou em 2001, com a transmissão de notícias uma vez por semana, a partir de um vídeo gravado nos bairros e na zona rural e exibido em praça pública. Era o início da TV itinerante Valente, posteriormente exibida algumas vezes por semana e passando a ser diária em 2003, por reivindicação da população. Seu público-alvo é definido como a APAEB em si, e seus associados, sendo beneficiados, porém, todos os habitantes da região de abrangência da transmissão. O objetivo deste trabalho é, em linhas gerais, a democratização do acesso à informação sem que se esqueça do homem do campo, preocupando-se sempre com a sua educação, objetivo este traduzido na preocupação em se realizar um jornalismo imparcial e com credibilidade.

As atividades da equipe de televisão são o jornalismo, transmitindo notícias locais e regionais, bem como um programa semanal de variedades, cujo principal objetivo é divulgar a música e valorizar a cultura regional. Os valores desta atividade de comunicação giram em torno de se fazer com que os sujeitos das comunidades se vejam representados publicamente, e a partir daí se mobilizem e se engajem em suas respectivas localidades. Trata-se do chamado 'jornalismo itinerante', que se preocupa em retratar a realidades locais e incentivar a mobilização da população.



Projeto Conexão Local

Os funcionários da televisão têm responsabilidades divididas, porém o trabalho é coordenado de maneira conjunta, o que possibilita uma flexibilidade de funções e papéis e faz com que todos trabalhem juntos, se complementando. Eles possuem recursos tecnológicos nada sofisticados, porém conseguem alcançar um alto nível de qualidade em função da otimização dos poucos recursos disponíveis (a preocupação com a qualidade é muito marcante). A maioria dos funcionários da televisão é composta por jovens entre 18 e 25 anos, com nível médio de escolaridade, sendo apenas um deles (o 'técnico responsável') formado no Ensino Superior.

Pode-se destacar como impacto das atividades da televisão um aumento da percepção da população acerca de seus direitos sociais, evidenciado principalmente pelos acontecimentos durante o último processo eleitoral para a prefeitura, que contou com participação em massa da população em forma de manifestações, debates e outros tipos de embates políticos.

Vale salientar também a importância de uma atividade como a da televisão, principalmente quando esta permite, graças aos seus procedimentos, uma maior interação entre a equipe responsável pelo trabalho e seu público-alvo. Além disso, o fato de a comunidade se ver retratada da forma como a televisão o faz é também muito relevante, o que se comprova pelos relatos da equipe sobre a mudança de comportamento dos vereadores durante seus discursos na câmara, diante do fato de começarem a ter sua imagem divulgada pela televisão junto à população: muitos passaram não só a adotar uma postura mais profissional como também se viram obrigados a assumir um comportamento diferente perante à comunidade, em razão do fato de estarem sendo 'expostos' ao público.

A rádio comunitária Valente-FM, tão importante quanto a televisão, possui uma história bastante diferente desta. Foi legalizada em 2002, após um grande período de funcionamento irregular, e possui atualmente patrocínio de uma organização belga. Com uma abrangência relativamente grande, capaz de transmitir até mesmo para os municípios vizinhos, ela aborda questões locais, regionais, nacionais e internacionais.



Projeto Conexão Local

O objetivo da rádio é fomentar o espírito crítico na população, incentivar e abrir espaço para o debate, auxiliando na construção de uma identidade local. Atualmente o projeto passa por uma reformulação de sua missão, com o objetivo de torná-la mais abrangente, porém possui também objetivos específicos muito bem definidos, como a capacitação e promoção de cursos, a democratização dos meios de comunicação, divulgação de eventos, assessoria, organização de debates, etc.

Foi criada uma associação com o objetivo exclusivo de permitir a formação legal e institucional da rádio, que conta com apoio financeiro da APAEB. Porém, trabalhando de maneira completamente desvinculada desta, priorizando sempre o jornalismo crítico e independente. Sua gestão se dá por meio de um Conselho, o que garante a sua independência.

Uma outra importante função da rádio é valorizar a cultura e colaborar com a construção de uma identidade local, em razão da promoção das músicas e composições de artistas locais, bem como de esforços para a gravação de seus CDs. Para que consiga atingir seus objetivos, a rádio muitas vezes precisa transgredir as leis, que costumam ser excessivamente rígidas com relação ao funcionamento de rádios comunitárias.

Outra dificuldade encontrada pela rádio, além da pouca liberdade permitida pelas leis, é a forte resistência por parte da ANATEL, do poder público local e da polícia federal, que combatem suas atividades constantemente, o que reflete o desconforto causado pelo seu funcionamento e pelo engajamento da população, incentivado por ela. Isso é também prova da má-aceitação do jornalismo crítico em municípios menores como Valente, tanto por parte do poder público quanto da população, em função de uma visão da política como assunto de esfera pessoal.

Para o futuro da rádio comunitária, espera-se buscar outras formas de auto-sustentação financeira, para que ela não precise depender exclusivamente da APAEB ou dos comerciais veiculados em suas transmissões. Além disso, pretende-se ampliar o projeto da rádio para promover também capacitação na área de comunicação, para a produção musical, e até mesmo para atividades de jornalismo impresso.





Chama a atenção, no projeto da rádio comunitária, o fato de ela ser completamente mantida por jovens da cidade, sem formação superior, assim como a televisão. Mais ainda, é perceptível a garra e o esforço dessas pessoas, que mesmo com recursos limitados dedicam muito trabalho ao projeto e têm uma preocupação clara com o profissionalismo e a seriedade, influenciando na vida do município e dos cidadãos, na medida em que se preocupam em trabalhar aspectos do cotidiano político, econômico e social de forma responsável. Assim, projetos como o da rádio comunitária e o da televisão são muito importantes não só pelos benefícios trazidos à comunidade, como também pela oportunidade de crescimento que proporcionam àqueles que se dedicam a eles, do ponto de vista tanto político quanto profissional.

Considerações Finais

A dupla composta de alunos de Administração de Empresas (AE) e Administração Pública (AP), com bagagens e paradigmas diferentes, herdados de seus respectivos cursos, conseguiu enxergar lados diferentes da realidade analisada, o que contribuiu para uma análise mais ampla.

Os “comos” são diferentes em nossos dois olhares, mesmo assim não nos separamos por completo. O “porque” é único, o sentido principal está centrado no respeito à individualidade, na importância da história coletiva, no sentido coletivo de apropriação da realidade e na concepção de que o indivíduo está contido na sociedade, e muitas vezes se confunde com ela.

Na Administração de Empresas, essa razão pode significar, por exemplo, o papel das empresas como ator social, interferindo na vida do indivíduo, assim como a identificação desse mesmo com a própria razão de ser dessas empresas.

Na Administração Pública, o sentido toma outra conotação. O papel real do cidadão na construção de um país (sua opinião, sua ligação com o que é público advindo de sua história) faz toda a diferença na concepção de administração pública participativa. O poder vem da população.

Resta-nos afirmar que esse Nordeste é privilegiado. Não devemos acreditar ou aceitar a imagem impressa em nossas mentes daquele Nordeste arrasado, subdesenvolvido e inviável. São pessoas que convivem com a escassez em diversos sentidos, seja de água, de recursos ou de vontade política. Por outro lado, são pessoas extremamente privilegiadas pela história que possuem, pela concretude que suas ações coletivas alcançaram e pela alternativa sócio-econômica criada por essa protagonização local.

Nessa região houve o desenvolvimento de uma cultura participativa e comunitária, um fluxo de relações que aumentou, no decorrer dos anos, o empoderamento dos atores sociais.

Não há como discordar de que essas transformações hoje transparecendo coletividade, sustentabilidade e participação popular são, sem dúvida, produto de uma base que tomou essas mesmas características atuais como princípio de sua formação.

Temos a certeza de que, se o Brasil seguir os rumos de exemplos como esse, sem dúvidas, a constituição efetiva de uma Nação estará garantida. Um país mais democrático e fornecedor de uma maior atitude política que insira os atores sociais e ações coletivas como catalisadores do desenvolvimento, uma real rede de relações desenvolvimentistas, sustentáveis e integradas.

O desenrolar de um movimento histórico que se pretende democrático é sempre uma experiência tensa e intensa, em que cada ator acrescenta suas especificidades regionais e transformam, concomitantemente, todo o processo desse movimento, a fim de participar de uma estrutura social que corresponda aos seus interesses e necessidades básicas, que permita a consolidação de uma identidade cultural, uma legítima conduta e a permanência de valores democráticos.

A questão que se coloca é mais do que o vir a ser dessa região. É o ser a vir do Brasil.

O sertão tem tudo o que se precisa. Se faltar a gente inventa.

(www.apaeb.com.br)



Projeto Conexão Local

Bibliografia

- NASCIMENTO, H M. *Conviver o Sertão: origem e evolução do capital social em Valente/BA*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2003.
- *Relatórios Anuais da APAEB*, Valente, balanços de 1992 a 2004.
- *Folha do Sisal*, Valente, 1995 a 2005.
- *Folha da APAEB*, Valente, 1995 a 2005, edições encadernadas.



ANEXO I

Atividades da APAEB

Curtume

Ainda em fase de estabelecimento e regulamentação de suas atividades, o curtume funciona já há seis meses, embora suas instalações já tenham oito anos. Trata-se de um espaço de tamanho médio, localizado logo atrás do prédio da fábrica de tapetes. No início, o processamento das peles contava com poucas máquinas, sendo em sua maior parte manual. Atualmente, o processo está mais bem equipado e moderno. São utilizadas peles de bode e carneiro, adquiridas por intermédio de um 'comprador' da região, no município de Capim Grosso, e eventualmente também na própria cidade de Valente, nas feiras realizadas aos sábados, onde a população da cidade e região tem a chance de comercializar produtos da agricultura familiar, artesanato, etc. Um pequeno número de peles (quatro ou cinco unidades por dia) é adquirido no Posto de Vendas da APAEB, que por sua vez as compra dos produtores locais.

Todas as peles são transportadas para o curtume pela APAEB, onde passam pelo processo de tratamento e são revendidas principalmente em Salvador, além de algumas áreas do sudeste. O curtume possui uma capacidade produtiva por volta de seis mil peles por mês, contando com apenas quatro funcionários e um gerente. Seus objetivos são diversificar a produção e as fontes de renda da APAEB, aproveitar um sub-produto da caprinocultura (muito difundida na região), que na cidade ainda é sub-utilizado, bem como oferecer uma nova oportunidade de renda aos produtores a partir da comercialização das peles.

Por enquanto esta é ainda uma atividade em desenvolvimento, gerando poucos empregos e sem uma produção de larga-escala. Porém não se pode ignorar seu potencial de geração de renda para a população e faturamento para a APAEB, além de contribuir para a divulgação do nome da associação em outros setores que não o sisaleiro. Trata-se também de uma atividade de apoio para outros projetos da Associação que compram couro do curtume, como o Couros Valente (produção de produtos de couro) e mesmo a fábrica de tapetes, que utiliza certa quantidade de couro como matéria-prima de acabamento dos tapetes.

As principais dificuldades enfrentadas pelo curtume são problemas com as máquinas, já que os funcionários ainda estão aprendendo a manuseá-las,

além das dificuldades de compra dos produtos que são utilizados no processo de tratamento das peles. Isso porque o curtume ainda não possui licença completa para operar e por isso não pode comprar determinados produtos químicos necessários ao seu processo, dependendo, assim, de fornecimentos inconstantes de outros curtumes da região. Os impactos positivos trazidos em seu pouco tempo de funcionamento são principalmente relativos aos funcionários ali empregados, que se beneficiam da nova fonte de renda e do trabalho com vínculo empregatício. Eles têm, em sua maioria, baixo grau de escolaridade e não são associados da APAEB por não possuírem terras, porém podem manter uma casa na cidade graças ao emprego.

As perspectivas para o futuro do curtume são a obtenção de todas as licenças necessárias ao seu funcionamento (processo já em andamento); e um conseqüente aumento da capacidade produtiva e do estabelecimento, maior profissionalização das tarefas e contratação de mais funcionários.

Centro de Aprendizado e Intercâmbio de Saberes - CAIS

O CAIS – Centro de Aprendizado e Intercâmbio de Saberes – localiza-se na mesma propriedade em que se encontra a EFA (na Fazenda Madeira), próximo às instalações da escola. Trata-se de um centro com estrutura para realização de encontros e eventos de médio porte, promovidos pela APAEB, como cursos, capacitação de agricultores, seminários, etc.

As principais instalações do local são: sala de reuniões, alojamentos feminino e masculino com capacidade para até 104 pessoas, cozinha com espaço para refeições comunitárias, e espaço comunitário para palestras (além de uma grande área externa, que pode também ser utilizada nos eventos). No local são realizadas, ainda, capacitações profissionais para as atividades de carpinteiro, eletricista, etc. Há também uma preocupação muito forte quanto à interação com o meio-ambiente e o contato com a natureza na zona rural do município, o que faz da preservação ambiental um traço muito presente no CAIS, evidenciado até mesmo por sua estrutura física, com área externa abundante.

O CAIS pode ser considerado uma grande conquista da APAEB, por ser um

¹⁷ Lei Municipal n. 8.617 de 17/07/2003.

espaço disponível para uma de suas atividades mais importantes: os encontros de capacitação. É uma estrutura bem organizada e que serve muito bem aos seus interesses e valores, tendo como objetivo a democratização do conhecimento, o aproveitamento do saber popular e o desenvolvimento das famílias

Casa do Mel

Outra estrutura presente também na Fazenda da Madeira é a Casa do Mel. Sua função se explica por uma iniciativa da APAEB, de incentivar uma nova atividade econômica como forma de gerar uma fonte de renda alternativa: a apicultura. Esta mostrou-se, inclusive, muito adequada para a região, dada a grande variedade de flores melíferas existentes ali, que permitem a produção de um mel de boa qualidade. Isso faz com que diversos agricultores e moradores da área rural se dediquem a ela, mesmo sendo ainda em número reduzido. Assim, a APAEB instalou uma estrutura capaz de atender aos produtores interessados, com as máquinas de processamento (decantadores, centrífugas e embaladora de saches), recebendo parte da produção do mel para processamento e embalagem em saches, para que sejam comercializados na região. Além disso, a APAEB incentiva a difusão da apicultura financiando colméias para o início da produção, bem como promovendo cursos e treinamentos para atrair novos produtores para a atividade.

A Casa do Mel possui alguns responsáveis técnicos e não opera durante o dia todo, mas apenas em alguns horários pré-estabelecidos. Possui grande capacidade ociosa, pois reflete também uma aposta no aumento de produtores de mel, no futuro.

Artesanato - AMAV

Outra cooperativa de artesanato sediada no município é a AMAV - Associação das Mulheres Artesãs de Valente. Esta, de porte bem menor que a Cooperafis e contando com bem menos integrantes (são apenas quatro mulheres que de fato trabalham na confecção dos produtos), nasceu também de iniciativas da APAEB de promover capacitação para mulheres do município. Atualmente, a AMAV também funciona de maneira independente da APAEB, se utilizando apenas do espaço no prédio pertencente à Associação (o mesmo em que se encontra a sede da Cooperafis) como centro produtivo.



Projeto Conexão Local

A AMAV comercializa produtos de tecido, confeccionados com a técnica do *pachwork*, como almofadas, colchas, painéis, toalhas etc, todos decorados com motivos regionais (as plantas da terra, animais e paisagens). Pode-se dizer que ela se sustenta mais pela vontade das mulheres que fazem parte dela (que se auto denominam “voluntárias”), do que por possibilidades reais. Trata-se de uma cooperativa com sérios problemas de sustentabilidade, pois não há um planejamento quanto à parte financeira e à comercialização dos produtos. A compra dos tecidos, que são a matéria-prima, é extremamente difícil em função da falta de caixa enfrentada pela cooperativa, e pode-se dizer que cada encomenda atendida por suas integrantes é realmente “uma vitória”. A partir daí percebe-se a importância dos ganhos não-financeiros proporcionados por atividades como as dessas cooperativas, capazes de manter pessoas trabalhando e lutando por elas mesmo quando isso implica em muitos sacrifícios (abrir mão de parte do tempo dedicado a outras atividades), e nenhum retorno financeiro.

Riquezas do Sertão

Trata-se de um ponto de comercialização, mantido pela APAEB, de alguns dos diversos produtos da associação, como o artesanato das cooperativas, tapetes da fábrica, produtos de couro da Couros Valente, alimentos produzidos no Laticínio Da Cabra, etc. Localizado na rodovia BA 120, logo na entrada da cidade e ao lado do principal ponto de hospedagem (a Pousada Boi Valente), o *showroom* (como é chamado pela diretoria da APAEB) trata-se de uma das poucas iniciativas de marketing que visam a dar certa visibilidade aos produtos da Associação.

É importante principalmente por se tratar de um ótimo ponto de exposição dos produtos, estratégico por se encontrar ao lado do local de grande fluxo de visitantes da cidade e em uma área de grande circulação (a rodovia). Do ponto de vista da geração de empregos e renda, não é tão significativo quanto as outras atividades da APAEB, mas certamente tem sua importância no fato de muitas vezes ser o único elo de contato com os diversos visitantes da cidade., e conseqüentemente colaborar para a divulgação (além de ser um importante ponto de escoamento da produção, principalmente para as cooperativas menores, como a AMAV).



ANEXO II

Diário de Bordo

Na Central da APAEB

O encontro inicial com a equipe diretiva da APAEB deixou claros alguns pontos como a indiferença exercida pelo Estado perante uma iniciativa como aquela, além de criticar veementemente a 'Indústria da Seca', ainda atuante na região.

A APAEB atualmente é muito bem vista pela sociedade e ganha crescente apoio: "Se acontecer qualquer coisa com a APAEB que possa ameaçá-la, a população está aí para dar-nos suporte." A previsão, em grande parte, então feita, é a possibilidade da APAEB alcançar o poder público formal, já que possui grande apoio popular. Nesse ponto, a APAEB mostra-se frágil, sofre de uma descrença na política (politicagem).

A baixa credibilidade da política regional vem muito das últimas eleições, nas quais um representante da APAEB disputou e perdeu por um número diminuto de votos. Atualmente, há a suspeita de compra de votos feita por seus opositores, o clientelismo como tradição.

Na Batedeira Comunitária

Um dos trabalhadores da Batedeira já havia sido presidente da Associação e, após seu mandato, voltou ao posto inicial (funcionário). "O importante é contribuir com o projeto em qualquer posição que esteja." Esta frase comprova o nível de identificação e de doação que as pessoas têm para com o projeto, o que dá uma maior concretude para o projeto.

Um dos comentários ouvidos naquele local foi da injustiça praticada na região, seja pela exploração exercida pelas Batedeiras Privadas sobre a produção dos pequenos agricultores, ou pelo viés das políticas públicas beneficiando capital privado de maneira excessiva. Sem dúvida, a região permanece com suas práticas tradicionais, muitas vezes clientelistas, além de serem pouco sustentáveis ou preocupadas com o lado social.



Projeto Conexão Local

Escutamos um pouco da origem da APAEB. “No início era somente uma associação que organizaria os produtores para venderem sisal para intermediários com mais eficiência. Utilizamos do ‘o que não é permitido, não é proibido’ crescemos e começamos a influenciar diretamente o preço do sisal. Quando os governantes tentaram abafar e prejudicar a Associação, era tarde demais”. Um dos membros da Associação disse: “Não dê a capacidade de organização para a população. Uma vez adquirido esse poder, ele não volta mais.” O que representa a força que o processo de empoderamento confere à população, razão pela qual ele chega a ser temido pelo poder tradicional local, o que na maioria das vezes explica a indiferença e a indisposição dos outros setores para com o projeto.

Questionados sobre as pressões que APAEB sofre atualmente por inúmeras instâncias, um dos diretores responde que “o senso de grupo, a conscientização de um projeto e a importância de uma comunidade retira grande parte do medo de ameaças e retaliações” Segundo o mesmo: “As pressões continuam para prejudicar a APAEB, mas a população já sabe da onde vêm os interesses, os nomes e os envolvidos.” Ou seja, os indivíduos se sentem parte do projeto e sabem que não estão sozinhos, o que é um fator importante para a sustentabilidade do projeto, por proporcionar um alto grau de apropriação pública.

Não se pode também ignorar o posicionamento ideológico da APAEB, explicitado pela frase: “Se há alguma ideologia, não vemos outra a não ser a de dar maior qualidade de vida para os indivíduos.” Tamanha amplitude ideológica garante à APAEB uma maior flexibilidade na articulação e negociação dos interesses envolvidos.

A história da formação da Associação demonstra uma verdade regional de que “uma coisa é certa sobre se organizar dessa maneira: nunca podemos misturar pinto com gavião”.

Na propriedade de José de Jorge

José de Jorge é agricultor modelo da Associação, reconhecido em âmbito regional por ter conhecimento vasto em plantio sustentável na cultura do sisal, assim como em reflorestamento no semi-árido. José foi Agente de Convivência com a Seca por muito tempo, auxiliando o desenvolvimento de pequenos agricultores da região sisaleira com técnicas aprendidas em seus inúmeros cursos e capacitações.



Durante as duas visitas que fizemos à sua propriedade, percebemos que José, pela sua maneira de ser e lidar com a realidade a sua volta, demonstrava que 'aquele mundo era pequeno, mas era dele', evidenciando a auto-sustentabilidade relacionada à sua propriedade e à rede social construída até então. Orgulha-se de dizer que trabalhou com seus "dentes para descansar quando a gengiva chegar".

Na Escola Família Agrícola - EFA

Um dos representantes da APAEB afirmava que "não há melhor sala de aula do que à sombra de um pé de cajá". Nessa escola, a ligação com a realidade é perceptível, desde simples frases soltas em um discurso até a prática diária do ensino. A visita às salas de aula explicitava essa relação, pelas discussões ali presentes, como a construção de um trabalho em que o professor, juntamente com todos os alunos, decidia qual seria o objetivo de tal empenho. A disposição das carteiras por si só demonstra algo diferente à frente ao ensino comum: as carteiras não ficam em fileiras, mas em círculo.

Um garoto de dez anos, ao ouvir a palavra "administração", num certo momento, fez a direta relação, exemplificando a grande 'capacidade' dessa escola: "A administração que conheço é a Administração Rural."

A curiosidade desses alunos perante um mundo exterior, muitas vezes compartilhada pelos professores, se refere principalmente ao mundo-sudeste: "Meu sonho é conhecer prédios, a Avenida Paulista e o Estádio do Morumbi."

Na Roça

Em contato com uma roça do sertão baiano, na propriedade de um dos dirigentes da APAEB, foi possível ver, por um lado, a destruição que a monocultura deixou, e muitas vezes ainda deixa, no solo sertanejo. Por outro lado, vimos a recuperação do solo pelas técnicas aprendidas e a importância da diversidade e do papel de cada planta no todo.



Nesse modelo, foi possível ver uma conexão mais inteligente e integral entre o Ser Humano e o Ambiente. O proprietário da terra entende o seu papel na natureza e existe interdependência entre o homem e a terra, na qual um não se desenvolve sem o outro.

Na Rádio Comunitária

Essencialmente dirigida por jovens, a rádio comunitária mostra, em suas atuações, um grande envolvimento com causas sociais e culturais. Por exemplo, em âmbito político, participam de discussões na câmara da cidade em transmissões ao vivo, trazendo transparência ao poder público.

A rádio surpreende já que os jovens que ali trabalham, mesmo na maioria das vezes não possuindo qualquer diploma, conseguem gerir competentemente as atividades. Estas não são poucas em função do porte relativamente grande, que atinge uma área significativa da região. O que se configura numa grande responsabilidade para indivíduos tão jovens.

Na Empresa Privada

No contexto sertanejo, encontram-se também empresas privadas. Nesse caso, cabe ressaltar aqui a estratégia adotada: grande parte do investimento inicial é bancada pelo poder público, na tentativa de se criar mais empregos. A fábrica de sapatos Via Uno, original da região sul, possui instalações próximas à cidade, com quatro linhas de montagem e 800 funcionários. Seu prédio, assim como o terreno em que se encontra, foram doados pelo governo estadual como forma de atrair o investimento da empresa e contribuir para a geração de empregos na região.

Não se pode esquecer que essa empresa criou menos empregos diretos do que a APAEB (que emprega atualmente 900 funcionários), sendo que a última não recebe os mesmos incentivos por parte do governo. Exemplo disso é o empréstimo de sete milhões de reais, concedido pelo Banco do Nordeste, para a construção da fábrica de tapetes, localizada próxima à da Via Uno.

É interessante observar a diferença no foco de cada um desses empreendimentos, por exemplo, o fato de, em tempos de instabilidade



econômica (sofrida por ambas com a queda do dólar em função do alto índice de exportação de seus produtos), a Via Uno realizar uma demissão em massa de 200 funcionários; enquanto a APAEB se preocupava não só em manter os empregos existentes como também em criar novos. Ou seja, a APAEB mostra-se preocupada não só com os resultados econômicos mas também com os efeitos sociais de seu projeto, ao contrário da maioria das empresas, cuja preocupação gira em torno principalmente do lucro, como no caso da Via Uno.

Na COOPERAFIS e AMAV

Essas cooperativas de artesãs da região sisaleira vieram para quebrar uma tradição não somente em aspectos econômicos, como no âmbito familiar. Isso porque elas proporcionam além do incremento na renda das famílias, a independência da mulher (um grande avanço no contexto da cultura local, de tradição machista) e uma melhora da sua auto-estima. Uma das coordenadoras do projeto exemplificou: “Os maridos não gostavam que elas ficassem bordando, trabalhando, ganhando seu próprio dinheiro; em vez de ficar em casa. Não acreditavam que isso poderia dar certo. Elas têm baixa renda, mas que faz toda a diferença. Viajam, fazem cursos e compras, ficam mais independentes.”

A renda dessas mulheres muitas vezes não chega a um salário mínimo, haja vista que o objetivo dessas duas cooperativas é “alcançar a renda de um salário mínimo por mês por artesã”.

No Seminário de Lideranças Sindicais

Em um encontro de discussão política da região, no qual a APAEB estava inserida, foi possível perceber a concretização de um espaço de discussão política. O auditório estava cheio de representantes regionais e sindicalistas.

A ligação política dos pólos sindicais é bem articulada. Estão, na maioria das vezes, unidos em torno de causas comuns. Algumas frases elucidam o momento político naquela região. “O presidente Lula é do povo, e sem o povo não governa. A elite até hoje não engoliu que um nordestino chegasse à presidência. O que estão fazendo pode ser considerado um golpe branco.”



Na comunidade de Tanquinho

Ao visitar a comunidade de Tanquinho, nos deparamos com uma situação bastante peculiar: mulheres artesãs ligadas à cooperativa de artesanato da região, encontravam-se num casarão escuro em meio a uma comunidade no centro do sertão baiano.

Essas mulheres possuem outro tempo, outra linha, outra forma de pensar. Momentos passados ali pareciam não existir, como se não estivéssemos, para elas, naquele local. Era perceptível o vício, o viés que guiava nossos questionamentos, o limite que os prendia.

Algumas perguntas, como “quais foram as dificuldades...” eram respondidas com olhares e silêncios. “Quais as perspectivas futuras?” Não houve resposta. Mesmo assim, não se pode prender ao prisma catastrófico do ‘não haver futuro’, mas deve ser visto como um ‘não há resposta’ simples e direto, pela expressão de que isso realmente não as incomodava.

Uma das mulheres, questionada sobre as possibilidades de futuro para seus filhos, afirmou que “o Lula conseguiu, eles também podem”.

Foi marcante para nós, naquele local, a sensação causada pela exclusão, estávamos fora daquela realidade por algum tempo. Percebemos ali que nós éramos os excluídos, o que nos restava era o silêncio e a indiferença daquelas mulheres perante nós. Pela primeira vez, tocamos a realidade mas ela não nos tocou, estávamos lá, claramente, em primeira pessoa, mas de repente víamos o cenário em terceira pessoa, estávamos fora dele, participávamos daquilo sem realmente estarmos lá.

Logo depois, por essa contagiante experiência, ganhamos uma consciência sobre as individualidades, sobre os parâmetros de nosso mundo e o mundo de lá, o que nos separa, mas que, enfim, nos une: a busca constante por compreensão.



No Seminário “Brasil às Avessas”

Tivemos a oportunidade de participar de um evento político cujo objetivo era debater a situação política nacional, bastante crítica em razão das denúncias e ao escândalo do Mensalão.

Um diretor de uma cooperativa de crédito, um assessor de um vereador da região e um cientista político discorriam sobre a crise política, reafirmando que “a democracia está em crise”. “Será que o presidencialismo ainda é resposta? Quem vai achar a resposta para tudo isso que está aí é a sociedade civil, não os partidos. Não adianta discutir essa política, é necessário se fazer outra.”

Seminários como esse se repetem constantemente, existe a tentativa de expor a política. Além, é claro, da discussão de temas que abordam “um modelo que se estrutura ao redor do capital, e somente dele, a hora que quiser abandonar uma região despedindo 3000 pessoas, essa espécie de atuação não pode ser vista como modelo”.

Há a evocação da participação popular. “Todos procuram um mundo melhor, entretanto, de que mundo estamos falando? Se a sociedade não achar o caminho, ninguém irá. Há que se participar, se tomar parte, ser parte.” Nesse evento a discussão política assume outro nível, muito perceptível nas discussões da região, não necessariamente se discutem sistemas, estruturas e grandes políticas públicas, mas sim a participação do indivíduo na sociedade.

Na segunda visita à Escola Família Agrícola – EFA

Em uma segunda visita, conseguimos ter um contato mais profundo com as crianças e jovens, cuja maneira de pensar se relaciona com a sustentabilidade direta do projeto.

Nesse reencontro, numa conversa com um dos professores, houve a afirmação de que a maior dificuldade da escola, hoje, é mostrar para os próprios alunos sua potencialidades.



Um garoto de 13 anos parecia-nos diferente desse grande problema levantado pelo professor. “Quero ser agrônomo, ficar no campo, me desenvolver e ajudar os outros a se desenvolverem.”

Um outro momento chamou a atenção pela peculiaridade. Um grupo de crianças vindas de uma escola particular da cidade numa daquelas excursões para ‘conhecer a realidade’, fizeram uma visita rápida à escola. Viram os animais, a vegetação e o clima, não houve contato com os alunos. Era perceptível a sensação de distância que havia entre aquele grupo de crianças e os filhos de pequenos agricultores; dois mundos diferentes, isto é, a sensação de não-contato entre eles.

No fim da noite, ocorria uma ‘reza’. Um dos alunos lia um trecho da Bíblia iniciava-se uma discussão para relacioná-lo ao dia-a-dia dos alunos. Numa dessas leituras, o professor mencionou a morte de um morcego, que foi apedrejado pelos próprios alunos, com a sustentabilidade de todo o sistema, indicava a incoerência entre a teoria aprendida, seja técnica ou religiosa, e a prática. Os ensinamentos religiosos estão muito arraigados, de tal maneira que auxiliam a compreensão da realidade.

Nessa escola, o envolvimento de professores no aprendizado e na vida desses alunos mostra-se um diferencial muito positivo no ensino. Há diversos momentos em que professor e aluno se confundem, graças ao nível de identidade um aprende com o outro, o que faz pensar sobre o quão revolucionário seria para a educação nacional se esse padrão fosse adotado por mais escolas.

Na Televisão

O repórter da televisão local, numa de suas perguntas a nós. “Como os colegas do meio empresarial irão receber a experiência vivida aqui?”

Chama atenção o espanto causado pelo fato de uma aluna de administração de empresas se interessar pelo projeto da APAEB, que é no fundo uma prática de gestão pública. Isso reflete não apenas certa desconfiança por parte das pessoas do local para com a iniciativa privada (compreensível pelo histórico local no que diz respeito ao setor privado), como também uma visão bastante comum da sociedade, atualmente, de pouca relação entre a atuação do setor privado e as iniciativas públicas e sociais. Falta, na maioria das vezes, por parte de gestores e os mais diversos públicos, a



consciência dos inter-relacionamentos que envolvem a atividade empresarial. É interessante ver também que, mesmo com a atual preocupação das empresas com o tema da responsabilidade social, não predomina ainda essa visão sistêmica da sociedade e dos inter-relacionamentos que a definem, o que sugere um questionamento sobre a verdadeira responsabilidade social.

Na última sala de reunião

O último encontro antes do fim da viagem ressaltou pontos fundamentais ancorados desde o início da visita, como os aspectos políticos: “não será a APAEB que subirá ao poder, mas a visão que a APAEB tem de sociedade e desenvolvimento”, uma comunicação mais democrática e efetiva, “porque todos precisam saber em que se baseia a APAEB, quais seus princípios, sua história”. A tentativa de se discutir como agregar mais valor aos produtos dessa Associação que possui papel imprescindível à região: “comercializar também seus valores”. Tudo isso indica que a APAEB ainda tem muito espaço para crescer, porém a base para esse contínuo desenvolvimento já está construída na história da APAEB, o que dá segurança e confiança na crença de um desenvolvimento ainda maior para a região.

De muitos diálogos, um monólogo chamou atenção e despertou admiração, dentre a equipe diretiva, um homem, num tom de despedida, recita um poema, criado por ele mesmo, sobre a história de seu povo e da luta da Associação. Por meio da poesia, ela consegue expressar sua existência. A APAEB possuía um poeta diretor, que foi, na verdade, quem melhor explicou o significado da Associação. Seu sentido era poesia.

No ‘inviável’ sertão baiano, há mais coisas que qualquer aventureiro ou intelectual possa imaginar.



Agradecimentos

Ficam aqui nossos agradecimentos à Fundação Getúlio Vargas e ao Gestão Pública e Cidadania, pela iniciativa do projeto Conexão Local e pela inesquecível oportunidade de descobrimento de um novo Brasil.

Agradecemos à Apaeb e sua diretoria, não só por nos receberem durante um mês em suas dependências, como também pelo apoio incondicional às nossas investigações.

Deixamos nosso abraço a José Claret Chaves, pelo acompanhamento e amizade durante nossa experiência no sertão; e a Ismael Ferreira e sua esposa, pela recepção e pela atenção a nós dedicada durante nossa estada.

Gostaríamos de citar ainda as presenças marcantes de José de Jorge e Luís Mota, que tão bem nos acolheram em suas propriedades e lares e nos passaram muito de suas experiências da vida no campo, na política, na administração da Apaeb e principalmente do sentido de ser cidadão.

Pelos aconchegantes jantares e conversas na companhia de Fiti, Dalva e Douglas, funcionários da Pousada Boi Valente, o nosso sincero muito obrigado.

Não podemos deixar de mencionar também Débora Oliveira, Cristina do DDC, a pizzaria Plakinha, o estagiário Charles, professores, monitores e alunos da EFA, que, como tantos outros, tornaram essa experiência mais harmoniosa, rica e agradável.



Permitida a reprodução desde que citada a fonte

